


APRENDIZAGEM AUTOGERIDA NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA: CARACTERÍSTICAS, VANTAGENS E DESAFIOS À LUZ DO DESIGN INSTRUCIONAL E DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.046-009>

Cleyton Henrique Teodoro Garcia

Licenciado em Pedagogia, Geografia, Letras e Sociologia. Especialista em Tecnologias Digitais para a Sala de Aula. Mestrando em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University
E-mail: cleytongarcia19972@student.mustedu.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a aprendizagem autogerida, também denominada autodirigida, destacando suas características, vantagens e desvantagens no contexto educacional contemporâneo. Com base em autores como Knowles (1975), Filatro (2020) e nos estudos sobre design instrucional e uso de tecnologias, discute-se como a autonomia do aprendiz tem sido ampliada pelas práticas pedagógicas mediadas por ambientes virtuais e recursos digitais. A pesquisa apresenta uma análise teórica fundamentada em três eixos: a conceituação da aprendizagem autogerida, suas implicações no design instrucional e o papel das tecnologias digitais. Os resultados apontam que, embora a autonomia favoreça a flexibilidade, a personalização e o protagonismo, ainda existem desafios relacionados à autorregulação, motivação e acompanhamento pedagógico. Conclui-se que o equilíbrio entre autonomia e mediação docente é essencial para potencializar os benefícios da aprendizagem autogerida.

Palavras-chave: Aprendizagem Autogerida; Autonomia; Educação Online; Design Instrucional.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as transformações sociais, tecnológicas e culturais têm provocado profundas mudanças nos processos de ensino e aprendizagem, exigindo das instituições educacionais uma revisão crítica de suas práticas pedagógicas. O modelo tradicional de ensino, centrado na figura do professor e na transmissão uniforme de conteúdos a um grupo heterogêneo de estudantes, tem se mostrado limitado diante das múltiplas formas de aprender e dos diferentes ritmos cognitivos presentes em sala de aula. Nesse contexto, muitos alunos acabam apresentando defasagens significativas, não por falta de capacidade, mas por tentarem se adequar a um formato de ensino que não considera suas singularidades e estilos de aprendizagem.

O fragmento apresentado evidencia essa problemática ao destacar que, no ensino tradicional, o

planejamento é geralmente voltado para o coletivo, desconsiderando as especificidades individuais. Essa homogeneização do processo educativo pode gerar frustração, uma vez que o estudante tende a interpretar suas dificuldades como falhas pessoais, e não como limitações do método utilizado. Em contrapartida, a aprendizagem adaptativa, sustentada por tecnologias educacionais e metodologias inovadoras, surge como uma alternativa capaz de respeitar o ritmo, os interesses e as necessidades de cada aluno, promovendo um percurso formativo mais autônomo e significativo.

Dessa forma, torna-se essencial discutir os conceitos de **aprendizagem individualizada**, **aprendizagem diferenciada** e **aprendizagem personalizada**, compreendendo suas especificidades e suas contribuições para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais inclusivas e centradas no sujeito. A análise das afirmativas a seguir visa justamente refletir sobre esses diferentes paradigmas educacionais e suas implicações no processo de ensino-aprendizagem contemporâneo.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS DA APRENDIZAGEM AUTOGERIDA

A aprendizagem autogerida representa uma abordagem pedagógica que ganha crescente relevância nas discussões educacionais contemporâneas, especialmente diante das transformações impostas pela sociedade do conhecimento e pela expansão das tecnologias digitais. Essa concepção desloca o foco do ensino tradicional — centrado no professor e na transmissão linear de conteúdos — para um modelo em que o aprendiz assume papel ativo, crítico e reflexivo na construção de seu próprio percurso formativo.

De acordo com Knowles (1975),

“um dos principais teóricos da educação de adultos, a aprendizagem autogerida caracteriza-se pelo processo no qual o indivíduo identifica suas necessidades de aprendizagem, estabelece metas, seleciona estratégias adequadas, escolhe os recursos de estudo e avalia, de modo contínuo, seus avanços e resultados. Trata-se, portanto, de uma prática que exige autonomia intelectual, autodisciplina, gestão do tempo e capacidade de autorreflexão, elementos indispensáveis para o desenvolvimento de uma postura ativa diante do conhecimento.” (Knowles, 1975, n.p.)

Filatro (2020) complementa essa perspectiva ao enfatizar

“o papel do design instrucional como mediador entre a autonomia do estudante e a estrutura pedagógica que sustenta o processo educativo. Para a autora, cabe ao educador — e às equipes pedagógicas de planejamento — criar trilhas de aprendizagem flexíveis, recursos acessíveis, atividades interativas e ambientes digitais significativos, que estimulem a curiosidade, o pensamento crítico e a corresponsabilidade do aluno sobre seu próprio aprendizado. Assim, o design instrucional deixa de ser um simples organizador de conteúdos para se tornar um elemento estratégico na promoção da autonomia e da personalização da aprendizagem.” (Filatro, 2020, n.p.)

Entre as competências mais relevantes desenvolvidas nesse modelo, destacam-se a motivação intrínseca, a curiosidade intelectual, a resiliência diante de desafios cognitivos, e a capacidade de autoavaliação. Essas dimensões, quando articuladas, permitem que o aprendiz desenvolva não apenas conhecimentos técnicos, mas também competências metacognitivas e socioemocionais, ampliando sua capacidade de aprender ao longo da vida — um princípio fundamental da educação continuada e da formação cidadã crítica.

Nos contextos de aprendizagem digital e híbrida, a autogestão do aprendizado torna-se ainda mais relevante. O estudante contemporâneo, exposto a múltiplas fontes de informação e a um volume crescente de dados, precisa desenvolver habilidades de curadoria, seleção crítica de conteúdos e organização de rotinas de estudo. Nesse cenário, a figura do professor não perde importância; ao contrário, ela se transforma. O docente passa a atuar como mediador, orientador e facilitador de experiências de aprendizagem, ajudando o aluno a construir sentido, a refletir sobre seu próprio progresso e a desenvolver estratégias autônomas e eficazes de estudo.

Desse modo, a aprendizagem autogerida não se limita à simples autonomia operacional do estudante, mas se consolida como um processo de empoderamento cognitivo e reflexivo, que busca promover sujeitos capazes de compreender, intervir e transformar a realidade. Em uma perspectiva humanizadora e emancipatória, essa abordagem se alinha aos princípios de uma educação que valoriza a singularidade de cada aprendiz, a responsabilidade compartilhada e a formação integral, contribuindo, assim, para a consolidação de práticas pedagógicas mais equitativas, significativas e socialmente relevantes.

2.2 VANTAGENS DA APRENDIZAGEM AUTOGERIDA

As principais vantagens da aprendizagem autogerida estão diretamente relacionadas à promoção da autonomia, da autorregulação e da personalização do processo educativo. Ao assumir um papel ativo na própria formação, o estudante desenvolve maior consciência sobre seu modo de aprender, fortalece sua capacidade de tomada de decisão e amplia o senso de responsabilidade em relação ao próprio percurso formativo. Essa postura ativa possibilita uma aprendizagem mais significativa, pois o conhecimento passa a ser construído com base em objetivos pessoais, experiências prévias e interesses individuais, em consonância com o princípio da aprendizagem como um processo contínuo e autorreferenciado.

Segundo Moran (2018),

“a aprendizagem autogerida favorece o desenvolvimento de competências metacognitivas, especialmente a capacidade de compreender, monitorar e controlar os próprios processos cognitivos. A metacognição, nesse contexto, atua como elemento estruturante para o aprender a aprender, permitindo que o aluno se torne sujeito de sua própria formação e adote estratégias que maximizem seu desempenho e engajamento. Esse aspecto é particularmente relevante em ambientes de aprendizagem online ou híbridos, em que o estudante precisa planejar suas ações, estabelecer metas, avaliar resultados e ajustar rotas de estudo de maneira contínua.” (Moran, 2018, n.p.)

Nos cursos virtuais autoinstrucionais, especialmente aqueles que não contam com tutoria constante, a aprendizagem autogerida se mostra essencial para o êxito do processo educativo. Nesses contextos, o estudante precisa desenvolver habilidades de planejamento, organização do tempo, disciplina e autocrítica, assumindo uma postura de protagonismo e responsabilidade. O desenvolvimento dessas competências reforça a ideia de que a aprendizagem não se restringe ao ambiente escolar, mas se estende à vida cotidiana e profissional, contribuindo para a formação de sujeitos autônomos, críticos e reflexivos.

Outro ponto de destaque refere-se à flexibilidade temporal e espacial que caracteriza essa modalidade de aprendizagem. Ao permitir que o aprendiz estude em seu próprio ritmo, de acordo com sua disponibilidade e preferências, a aprendizagem autogerida rompe com os limites impostos pela sala de aula tradicional e promove um processo mais dinâmico, inclusivo e adaptável. Essa flexibilidade amplia o acesso à educação, valoriza a diversidade de estilos cognitivos e contribui para o fortalecimento da aprendizagem ao longo da vida, um dos pilares da educação contemporânea.

Em síntese, as vantagens da aprendizagem autogerida vão muito além da autonomia operacional; elas englobam a formação de um sujeito autônomo, consciente e comprometido com seu próprio desenvolvimento intelectual e social. Trata-se de uma abordagem que estimula a responsabilidade, fomenta a autorreflexão e potencializa o engajamento do estudante, tornando o processo educativo mais humanizado, contextualizado e transformador.

2.3 DESVANTAGENS E DESAFIOS

Apesar das inúmeras vantagens, a aprendizagem autogerida também apresenta desafios significativos que precisam ser cuidadosamente considerados no planejamento e na implementação de práticas pedagógicas baseadas nesse paradigma. Um dos principais entraves está relacionado à ausência de acompanhamento constante, que pode gerar sentimentos de isolamento, desmotivação e evasão, especialmente em cursos online que não contam com tutoria ou mediação docente contínua. A presença do professor, mesmo que em ambientes virtuais, ainda desempenha papel fundamental na sustentação do vínculo pedagógico, oferecendo feedback, orientação e apoio emocional ao estudante.

De acordo com o estudo “*Aprendizagem Autogerida e os Cursos Online sem Tutoria*” (2023), a falta de feedback imediato e a escassez de interações sociais entre alunos e docentes tendem a impactar negativamente o engajamento e a persistência dos participantes. A ausência de uma rede de apoio e de um

acompanhamento formativo reduz o senso de pertencimento e enfraquece a motivação intrínseca, que é justamente um dos pilares da aprendizagem autogerida. Dessa forma, é fundamental que a autonomia do estudante seja acompanhada de mecanismos de suporte pedagógico e socioemocional, de modo que o processo educativo se mantenha equilibrado e significativo.

Outro desafio recorrente está na sobrecarga cognitiva a que os estudantes são submetidos, sobretudo em contextos digitais caracterizados por um volume elevado de informações e múltiplas fontes de conteúdo. A necessidade de selecionar, filtrar, interpretar e organizar dados de forma autônoma pode gerar fadiga mental e comprometer a profundidade da aprendizagem, principalmente quando o aluno não possui estratégias consolidadas de autorregulação e gestão do tempo. Essa realidade evidencia que a autonomia, embora desejável, não é um ponto de partida, mas uma competência a ser desenvolvida gradualmente ao longo do percurso educacional.

Diante desses desafios, o design instrucional assume papel estratégico na mediação entre a autonomia e o suporte pedagógico. É por meio de um design bem estruturado que se torna possível oferecer orientações claras, trilhas de aprendizagem progressivas, atividades guiadas e recursos multimídia interativos, capazes de manter o estudante engajado e de reduzir a sensação de isolamento. Além disso, o design instrucional pode integrar estratégias de feedback automatizado e colaborativo, criando oportunidades de interação e reflexão que fortalecem o senso de pertencimento e a continuidade da aprendizagem.

Assim, mais do que promover independência, a aprendizagem autogerida exige equilíbrio entre liberdade e orientação, garantindo que o aluno disponha de condições cognitivas, emocionais e tecnológicas adequadas para sustentar seu próprio processo formativo. O desafio da educação contemporânea, portanto, é articular autonomia e acompanhamento, de forma que a autogestão da aprendizagem não se transforme em solidão pedagógica, mas em uma experiência de construção ativa, crítica e compartilhada do conhecimento.

2.4 DESIGN INSTRUCIONAL E TECNOLOGIAS DIGITAIS

O design instrucional, conforme destaca Filatro (2020),

“constitui uma área estratégica e interdisciplinar no campo da educação, responsável por planejar, estruturar e mediar experiências de aprendizagem de forma intencional e significativa. Mais do que uma simples organização de conteúdos, o design instrucional propõe-se a projetar experiências formativas que promovam a participação ativa do estudante, o desenvolvimento da autonomia e a construção de conhecimentos contextualizados. Sua função é, portanto, integrar teoria, metodologia e tecnologia, garantindo coerência entre os objetivos pedagógicos, os recursos didáticos e as necessidades do aprendiz.” (Filatro, 2020, n.p.)

Com os avanços das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs), ampliaram-se consideravelmente as possibilidades de interação, colaboração e personalização nos processos educativos. Ambientes virtuais de aprendizagem, plataformas adaptativas e recursos multimodais oferecem oportunidades para que o estudante gerencie seu próprio percurso, interaja com colegas e professores e acesse diferentes tipos de conteúdo de forma dinâmica. Essa transformação tecnológica permitiu o surgimento de modelos pedagógicos mais flexíveis e centrados no aprendiz, favorecendo práticas que estimulam o protagonismo e a autogestão do conhecimento.

Entretanto, o estudo *“Impacto das Tecnologias no Design Instrucional”* (2023) alerta que a simples inserção de recursos tecnológicos não é, por si só, suficiente para garantir a autonomia e a aprendizagem significativa. A tecnologia, quando utilizada de maneira desarticulada do planejamento pedagógico, pode gerar dispersão, sobrecarga cognitiva e até mesmo exclusão, sobretudo quando os estudantes não dispõem de habilidades digitais consolidadas. Assim, o uso eficiente das tecnologias requer curadoria, intencionalidade e acompanhamento sistemático, assegurando que os recursos sejam instrumentos de mediação e não de fragmentação do processo formativo.

Nessa perspectiva, o papel do designer instrucional ou do educador que atua com essa função torna-se fundamental. Cabe a esse profissional conceber percursos formativos que conciliem liberdade e estrutura, equilibrando a autonomia do aluno com a orientação necessária ao desenvolvimento cognitivo. Isso implica projetar trilhas de aprendizagem personalizadas, estabelecer critérios de progressão claros, definir momentos de feedback e promover interações que fortaleçam o engajamento e o senso de pertencimento do estudante.

Portanto, o design instrucional não se limita a um componente técnico, mas se consolida como uma dimensão pedagógica e ética, voltada à promoção de experiências de aprendizagem humanizadas, significativas e inclusivas. Seu maior desafio é fazer com que a tecnologia atue como mediadora do conhecimento — e não como barreira —, sustentando práticas educativas inovadoras que valorizem o pensamento crítico, a autonomia e a colaboração como pilares da educação contemporânea.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aprendizagem autogerida configura-se como uma das abordagens mais promissoras das práticas educacionais contemporâneas, por promover a autonomia intelectual, a autorregulação e o protagonismo do aprendiz. Em um cenário educacional marcado pela diversidade de contextos e pela constante transformação tecnológica, essa perspectiva contribui para a formação de sujeitos críticos, reflexivos e capazes de gerir seus próprios processos de aprendizagem ao longo da vida. Trata-se de um movimento que transcende o ato de estudar de forma independente, pois envolve o desenvolvimento de competências metacognitivas, socioemocionais e éticas que sustentam a aprendizagem significativa e contínua.

Entretanto, para que essa modalidade se concretize de forma efetiva, é imprescindível que seja acompanhada por estratégias pedagógicas e tecnológicas cuidadosamente planejadas, que considerem as singularidades dos estudantes, seus ritmos de aprendizagem e suas condições de acesso. A autonomia, quando não sustentada por mediação adequada, pode gerar sentimentos de isolamento, dispersão e desmotivação, comprometendo o engajamento e a permanência do aluno no processo educativo. Assim, a aprendizagem autogerida deve ser compreendida não como uma ausência de mediação, mas como uma reconfiguração da relação pedagógica, na qual a liberdade do aprendiz é equilibrada pelo suporte pedagógico e pelo diálogo reflexivo.

Nesse contexto, o design instrucional emerge como elemento estruturante e mediador essencial, articulando tecnologia, metodologia e intencionalidade pedagógica. Cabe a ele criar ambientes de aprendizagem acessíveis, flexíveis e colaborativos, capazes de equilibrar autonomia e orientação, oferecendo percursos formativos que estimulem a reflexão, o engajamento e o senso de pertencimento. Ao integrar recursos tecnológicos de forma ética e intencional, o design instrucional contribui para a construção de experiências de aprendizagem humanizadas, inclusivas e transformadoras, que valorizam o diálogo, a personalização e o pensamento crítico.

Conclui-se, portanto, que a aprendizagem autogerida representa não apenas uma inovação metodológica, mas um novo paradigma educativo, centrado na corresponsabilidade entre educador e aprendiz, na valorização da autonomia como prática emancipatória e na promoção de uma educação voltada para o desenvolvimento integral do ser humano. Esse modelo, ao integrar autonomia, diálogo e reflexão crítica, reafirma o papel da educação como processo de formação contínua, capaz de preparar o indivíduo para agir com consciência, sensibilidade e protagonismo no mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

Filatro, A. (2020). Design instrucional contextualizado: Educação e tecnologia. São Paulo: Senac.

Knowles, M. S. (1975). Self-directed learning: A guide for learners and teachers. Chicago: Follett.

Moran, J. (2018). Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. São Paulo: Papirus.

As práticas do Design Instrucional na Educação: uma análise das vantagens e desvantagens sob a perspectiva do profissional designer instrucional. (2023). Revista Ilustração, 8(3), 91-98.

Impacto das Tecnologias no Design Instrucional: perspectivas e desafios na educação contemporânea. (2023). Revista Ilustração, 8(4), 199-209.

Aprendizagem Autogerida e os Cursos Online sem Tutoria: uma reflexão sobre cursos oferecidos na plataforma Moodle. (2023). Revista Ilustração, 7(2), 112-125.